HAL
open science

Culturas do deslocamento e deslocamento de culturas

Rosuel Lima-Pereira

To cite this version:

Rosuel Lima-Pereira. Culturas do deslocamento e deslocamento de culturas. UNIFAP Editora da Universidade Federal do Amapá. Estudos de Cultura: Abordagens e perspectvas, , pp.133-151, 2020, ISBN: 978-65-89517-06-1. hal-03170427

HAL Id: hal-03170427

https://univ-guyane.hal.science/hal-03170427v1

Submitted on 16 Mar 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Estudos de Cultura:
Abordagens e perspectivas

Antonio Carlos Sardinha, David Júnior de Souza Silva, Yuji Gushiken
(org.)

CULTURAS DO DESLOCAMENTO E DESLOCAMENTO DE CULTURAS: O CASO DA FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ NA GUIANA FRANCESA

Rosuel Lima-Pereira[1]

Introdução

A imigração traz consigo o fenômeno de mutações das representações e do imaginário que se expressam nas práticas sociais e culturais. Por trás da história da formação de uma nação, cuja coerência é construída a partir de uma releitura de fatos e de relatos, existe uma dinâmica de trocas, de reconstruções e de reformulações oriundas da mobilidade dos homens. A população presente na Bacia Amazônica participa desse processo antrópico bem antes da materialização das fronteiras recorrentes ao mesmo tempo do processo geopolítico e dos princípios de soberania nacional. Além do Brasil, a Bacia Amazônica abrange o Peru, a Bolívia, a Colômbia, o Equador, a Venezuela, o Suriname e a Guiana, Departamento Ultramarino francês (DOM).

[1] Doutor em Estudos Ibéricos e Ibero-americanos pela Universidade Montaigne-Bordeaux, França. Por revalidação de diploma, Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Atualmente é Professor Adjunto de Civilização Brasileira no Centro de Humanidades e membro do Centro de pesquisa MINEA, Universidade de Guiana, França Ultramarina.

O marco da presença na Guiana do homem europeu remonta a agosto de 1498, quando da terceira viagem de Cristóvão Colombo (1451-1506) à América. Quanto aos franceses, eles fizeram suas primeiras incursões à Guiana após a sua infrutuosa tentativa de criar uma França Equinocial no Maranhão, entre 1612 e 1615. A partir desse momento, a Guiana começa a ser visitada por franceses até se tornar uma colônia próspera graças à exploração e à comercialização de seus produtos pelas poderosas companhias comerciais fundadas no século XVII (BUREAU, 1935, p. 6-10).

Do ponto de vista religioso, e pegando emprestado o substantivo próprio "companhia" todavia com objetivos lucrativos simbólicos, isto é, ganhar almas para a Igreja, a Companhia de Jesus, ou os Jesuítas, é a primeira ordem religiosa a se estabelecer na Guiana. Sua missão consiste em evangelizar os ameríndios e criar estabelecimentos agrícolas. Nessa perspectiva, o deslocamento de mercadores, de marinheiros e de missionários permitem no Novo Mundo a circulação de produtos, de ideias e de práticas sociais, culturais e religiosas.

A presença do catolicismo na Guiana começou com a chegada dos primeiros missionários, os dominicanos, e em seguida, os capuchinhos, cuja presença no território está documentada desde 1643. Em 1665, os Jesuítas obtiveram autorização da Companhia das Índias Ocidentais para se estabelecerem na Guiana. É durante esse período, cerca de 30 anos (1685-1718), que o padre Thomas de Crevilly percorreu a zona costeira exercendo seu apostolado entre colonos e escravos. Uma campanha de evangelização intensa começou, durando quase um século até a decisão do rei Luís XV (1710-1774) de banir a Companhia de Jesus da França em 1763-1764. As primeiras paróquias foram fundadas e os Jesuítas introduziram na Guiana Francesa o sistema de reduções semelhantes às reduções do Paraguai.

Em dezembro de 1731, a Santa Sede erigiu a Guiana em Prefeitura Apostólica. Em meados do século XIX, com o estabelecimento dos Centros de detenção na colônia, os jesuítas regressaram à Guiana Francesa com a missão de servir de capelania. Nessa época, estima-se que a população católica era de 36 mil

indivíduos, entre eles 12 mil prisioneiros; havia também entre 8 mil e 10 mil pagãos e entre 400 e 500 protestantes. Em janeiro de 1931, a Prefeitura Apostólica tornou-se um Vicariato Apostólico. No dia 23 de fevereiro de 1956, o papa Pio XI publicou a bula *Sollicitudine ici*, erigindo a diocese de Caiena. Monsenhor Alfred-Aimé Léon Marie, vicário apostólico, tornou-se o primeiro bispo de Caiena (1956-1973).

A formação da Guiana, seja ela do ponto de vista religioso, etnológico, cultural e mesmo geográfico, como de qualquer território, está ligada ao fenômeno da mobilidade e em particular a noção de "culturas do deslocamento". Esse conceito pode ser estudado em uma dupla dimensão: o de cultura individual, por vezes cultura das elites, com suas experiências associadas à mobilidade; e o de cultura compartilhada de um grupo, identificada a um território, expressa por meio de processos organizacionais.

A cultura de uma comunidade, região ou de uma nação é por vezes considerada pelas elites como sendo uma expressão do folclore ou da cultura de gente sem cultura. Já o "deslocamento de culturas", por sua vez, ocorre por meio da mobilidade de indivíduos por razões pessoais ou de forma coletiva por razões impostas, por exemplo, por causa de guerras, fome ou de perseguições políticas ou religiosas. Com o deslocamento, o patrimônio cultural e imaterial se constrói; primeiro em uma dinâmica local e, em seguida, graças à mobilidade social dos indivíduos, esse patrimônio local se expande em direção a "novos territórios[2]".

Fatores artísticos, culturais, sociais e religiosos contribuem significativamente para o surgimento e o reconhecimento desses "novos territórios" de acordo com o deslocamento dos indivíduos e, com eles, a herança, o patrimônio cultural. A união desses dois elementos – deslocamento e culturas – permite o surgimento e o reconhecimento do que se chama hoje patrimônio cultural material e imaterial de um povo. Nessa perspectiva, nosso estudo visa questionar as transformações e requalificações da cultura religiosa, do sagrado e da prática religiosa. Em outros termos, como se passa a transmissão decorrente do "deslocamento da cultura" e

[2] BERNIE-BOISSARD, C. (dir.). **Espaces de la culture, politiques de l'art**. Paris: L'Harmattan, 2000, p. 173-85.

da "cultura do deslocamento" no contexto da imigração brasileira na Guiana Francesa, Departamento Ultramarino francês (DOM).

O objeto de nosso estudo é a festa do Círio de Nazaré que ocorre desde 1793 em Belém, capital do estado do Pará, e que, devido à imigração de paraenses e amapaenses, começa a se estabelecer desde 2004, em Caiena, capital da Guiana Francesa. Nossa análise abordará a questão da cultura do deslocamento; em seguida estudaremos o deslocamento da festa do Círio em Caiena, fruto da mobilidade e da vivência social. Por fim, veremos como se dá o processo de construção e de organização de uma cultura em um novo território – no nosso caso, a Guiana Francesa.

Nosso artigo opta pelo que se chama "história imediata" ou "história do tempo presente[3]". A metodologia utilizada é a da crítica da fonte, já que no uso do método histórico vamos interpretar sobretudo o conteúdo dos exemplares do jornal France-Guyane, fundado em 1973, tendo seu último número impresso datado do dia 30 de janeiro de 2020. O enfoque será nos atores locais, praticantes e clero da Guiana Francesa. Nossa análise mostrará a origem da festa do Círio de Nazaré na Guiana, uma manifestação popular da comunidade brasileira que incitará outros grupos étnicos e sociais da Guiana Francesa a preparar e a participar dessa festividade. Enfim, nosso artigo é de caráter qualitativo na medida em que se propõe a analisar um fenômeno social dotado de relações humanas marcadas pela crença e a prática marial. Nosso artigo não deixa de ser de natureza exploratória, visto que se trata de um assunto ainda não estudado do ponto de vista acadêmico, o qual permite que fontes primárias possam ser consultadas.

A cultura do deslocamento, entre fluidez e mutações sociais

Apoiando-nos no pensamento do antropólogo francês Marc Augé (1935-), podemos dizer que a noção de cultura é marcada

[3] A expressão "história imediata" ou seu sinônimo "história do tempo presente" aparece na França no começo dos anos 1960. Dois autores vão lhe dar uma notoriedade: o jornalista e biógrafo Jean Lacouture (1921-2015), e o sociólogo Benoit Verhaegen (1929-2009), autor do livro "*Introduction à l'histoire immédiate*", publicado por edições Duculot, em 1974, na Bélgica.

por três tensões. A primeira é a oposição entre o coletivo e o individual, ou o conjunto de valores e referências compartilhadas por um grupo e os valores e referências escolhidos e aprendidos por um indivíduo que serão considerados como culto. A segunda tensão é a oposição entre interno e externo, ou quem está incluído e quem está excluído de uma comunidade. Essa tensão é marcada pela comunicação, ou seja, ela é enriquecida de encontros, empréstimos, trocas e diálogos entre comunidades e entre indivíduos. Quanto à terceira tensão, ela opõe o passado ao futuro ou o seu resultado: o fardo da herança individual, mas também de um grupo. Nesse caso, a herança é a cultura, produto da história, da comunicação, dos encontros, das trocas e dos diálogos entre comunidades e, também, entre indivíduos. Enfim, o resultado dessas três tensões pode assumir a forma de dois polos extremos que se pode traduzir em ideias e comportamentos marcados pelo "comunitarismo" e pelo "elitismo".

Se o termo "cultura" é polissêmico, ambivalente e mesmo contraditório, a palavra "deslocamento" é um tropo metonímico que serve de atalho linguístico e referencial a outros substantivos como: mobilidade, locomoção, migração, transferência, mutação, viagem, deportação, excursão, trajeto etc. Assim, é mais pertinente questionar "as culturas" e não "a cultura"; "os deslocamentos" e não "o deslocamento". No fundo, se há tensões no emprego do termo "cultura", não há contradições entre externo e interno, passado e futuro. Com efeito, o patrimônio cultural é nutrido de empréstimos e trocas, graças aos deslocamentos do homem. A cultura é animada pela alteridade, pelo duplo "deslocamento" – de um indivíduo em direção a outros indivíduos e de indivíduos em direção a outro indivíduo. Breve, a cultura é feita de encontros.

No mundo pós-moderno e globalizado, os recursos da tecnologia complicam os relacionamentos, visto que o apego à imagem virtual oferece ao homem simulacros de realidades em que a reciprocidade é inexistente. Ora, na festa do Círio a imagem ou o ícone de Maria de Nazaré serve exatamente como elo de reciprocidade, de comunhão e de comunicação entre os participantes da festividade no mês de outubro. Nessa ocasião, a imagem realiza nos participantes uma identificação: todos são devotos

da Virgem Maria; e, também, uma consolidação identitária: todos são cristãos; do ponto de vista interno, são brasileiros; e do ponto de vista externo, são estrangeiros, porém se sentem próximos do Brasil. Por conseguinte, uma imagem ou sua representação é sempre constitutiva de uma identidade individual e de uma identidade coletiva[4]. Se a identidade persiste, isso quer dizer que a cultura se alinha ao tempo, ao espaço e aos acontecimentos. Hoje, a globalização e o aspecto econômico impulsionam os deslocamentos e, com eles, as culturas, ocasionando em certas regiões o "choque de culturas", retomando o conceito do antropólogo canadense Karlevo Oberg (1901-1973). Os deslocamentos, por razões econômicas, se amplificam; a distância entre ricos e pobres cresce e, com tudo isso, o acesso à cultura acadêmica, erudita, torna-se um privilégio, um elitismo.

O fenômeno do deslocamento faz parte de uma continuidade social e histórica. Em certos grupos trata-se de uma tradição; uma forma de nomadismo, de transumância de rebanhos e de indivíduos, de caravanas de comerciantes, de peregrinações. A mobilidade contemporânea marcada pelo aspecto econômico, migrações sazonais em busca de trabalho, de aventuras e de riquezas confirmam, desse modo, a existência de uma "cultura do deslocamento". No caso da região amazônica, os deslocamentos internos estão no funcionamento social das populações indígenas bem antes da ocupação do seu território pela Coroa Portuguesa no século XVI.

Para o grupo social, os caboclos, resultantes da miscigenação entre brancos, índios e negros, as atividades de subsistência são baseadas na coleta de produtos naturais e na agricultura. Nesse período, as populações indígenas foram reduzidas em razão das doenças trazidas pelos europeus. No século XIX, com o ciclo econômico da borracha, houve o enriquecimento de comerciantes e o desenvolvimento arquitetônico das duas principais cidades situadas na Amazônia brasileira: Belém e Manaus. A

[4] Nesse capítulo, inspiramo-nos da transcrição da videoconferência de AUGÉ, M. **Culture et déplacement**. Université de tous les savoirs, 16 nov. 2000. Disponível em: http://datablock.free.fr/MARC%20AUGE%20culture%20et%20deplacement.pdf. Acesso em: 25 jun. 2020.

crise da borracha no começo do século XX leva à estagnação da economia e ao fim do desenvolvimento da região.

A partir da colonização do Brasil, a questão do deslocamento dos indivíduos na região amazônica é marcada por fatores econômicos externos: mercantilismo, capitalismo e, hoje, globalização. O deslocamento na região amazônica não releva simplesmente um modelo homeostático ameríndio ou uma consequência da busca de um equilíbrio econômico inerente ao Ocidente. Na verdade, tanto a migração quanto a imigração são atividades próprias ao homem; por vezes, mais acentuadas em certos povos, comunidades ou grupo étnico. É o que se pode constatar no caso dos brasileiros originários da região amazônica.

Do ponto de vista econômico, o contexto da imigração brasileira na Guiana começou em 27 de abril de 1848, quando foi assinado o decreto que aboliu a escravidão no território, liberando assim quase 13 mil escravos. Com o fechamento das plantações, a economia na Guiana entrou em colapso. Em 1854, uma jazida de ouro foi descoberta no leste do território, no Arataye, afluente do Approuague. No auge dessa corrida do ouro, 10 mil garimpeiros chegaram, vindos de toda a região amazônica, assim como das Antilhas francesas (BASSIÈRES, 1936). Tanto a abolição da escravidão quanto a descoberta do ouro trouxeram consequências diretas no crescimento da imigração espontânea para a Guiana. No seu auge, no começo do século XX, a Guiana Francesa teve entre 20 mil e 30 mil garimpeiros. Muitos morreram de malária, disenteria, febre amarela ou simplesmente, sozinhos. Por quase 100 anos, a Guiana extraiu pouco mais de 200 toneladas de ouro.

Hoje, há uma diversificação dos espaços tradicionais de emigração e das tipologias migratórias. Os garimpeiros vêm sobretudo do oeste do Pará, do norte do Mato Grosso no Sul, de Roraima e do Maranhão. Essa dinâmica migratória é composta de homens solteiros, de 25 a 40 anos, com pouca conexão com o ambiente urbano (PIANTONI, 2008, p. 140). Vemos que a questão econômica é uma das maneiras pelas quais os indivíduos e os grupos articulam mobilidades e lugares. Podemos questionar que lugares são escolhidos ou se existem hierarquias entre os lugares a serem escolhidos. Essas são questões que podem ser

estudadas; porém, em nossa análise, decidimos abordar somente as consequências do deslocamento dos brasileiros em direção à Guiana, como ponto de chegada. Mesmo se esse deslocamento levanta questões políticas, sociais e econômicas, o que nos interessa nesse estudo é a prática cultural ou cultual do imigrante brasileiro na Guiana, ou seja, a festa do Círio em Caiena.

Um deslocamento cultural: a festa do Círio em Caiena, fruto da mobilidade e da vivência social

O Círio de Nazaré é comemorado desde o segundo domingo de outubro de 1793. Alguns dias antes a imagem é levada até Icoaraci, a 23 quilômetros ao norte de Belém. Depois, ela é levada de volta à cidade, seguida de uma procissão até a basílica construída no local onde o pastor Plácido Souza teria encontrado a estátua. As festividades são encerradas no Recírio, 15 dias depois, quando a Virgem retorna à Catedral de Belém. A lenda de Nazaré existe em Portugal desde setembro de 1182, quando o guerreiro nobre português Dom Fuas Roupinho manda construir uma capela em memória do milagre alcançado[5]. Durante as Grandes Descobertas, a devoção à Virgem de Nazaré é grande e os padres portugueses da Companhia de Jesus têm um papel ativo na divulgação das devoções marianas no mundo luso-brasileiro (FLECK; DILLMANN, 2012).

A procissão do Círio de Nazaré, no segundo domingo de outubro, leva às ruas da capital paraense quase dois milhões de pessoas, entre crentes e curiosos. O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é a maior procissão religiosa do Brasil e reúne nela o aspecto religioso, veneração da santa padroeira, e o aspecto informal, confraternização e ágape. O Círio da Guiana faz parte do "ciclo de Círios" que ocorre não somente em Belém, mas em todo o interior do estado do Pará e outros estados brasileiros, sobretudo na região amazônica. Em Belém, a procissão percorre a cidade entre a catedral da Sé e a basílica de Nazaré. Enfim, "círio" é um substantivo que designa uma grande vela pascal. Utilizada em

[5] Sobre a Lenda de Nazaré, veja: BOGA, M. **D. Fuas Roupinho e o Santuário de Nazaré**. Porto: Tipografia do Carvalhido, 1974.

Portugal e no Pará, a palavra círio "designa romaria ou procissão em que avultam – como promessas ou ex-votos – velas, cabeças, pés, mãos, animais, barcos e outros objetos de cera" (DUBOIS, 1953, p. 49).

Em 2002, a revista eletrônica anual editada em Belém, "Círios de Nazaré[6]", no seu sétimo número, publica um artigo intitulado "O primeiro Círio de Nazaré em Caiena". Nele é descrita a procissão de 1,5 mil peregrinos que aconteceu à tarde, do domingo, dia 7 de outubro de 2001. "Os brasileiros da Guiana francesa, misturados à população guianense, estão maravilhados: os mais abertos jamais poderiam imaginar tal elo de fraternidade [...]. Se houve milagre, este certamente é a descoberta da comunhão entre os dois povos", escreve o padre espiritano Antoine Grach. Em seguida, ele acrescenta: "Os guianenses são muitos ligados a seu amor à Maria. E eis que muitos descobrem que sua fé cristã é igualmente dividida com os brasileiros".

Círios de Nazaré continua nesse mesmo artigo com a descrição da inauguração oficial da festa do Círio de Nazaré, em 2001, na Guiana Francesa: uma réplica da peregrinação de Macapá que, por sua vez, é uma reprodução do Círio de Belém. Essa inauguração dá-se em presença de monsenhor Louis Sankalé (1946-), bispo de Guiana (1998-2004) e de monsenhor João Risatti (1942-2003), bispo da diocese de Macapá (1993-2003). Este traz consigo, de Macapá, a imagem da Virgem Maria. No mesmo artigo, podemos encontrar o comentário do cônsul do Brasil em Caiena, Carlos Alberto Ribeiro Reis, que diz: "graças às imagens televisivas, existe uma nova visão dos brasileiros que todos descobrem. Além das tradicionais imagens de carnaval e de futebol, os brasileiros dividem conosco seus valores cristãos".

Em 2003, Círios de Belém publica um artigo intitulado "Maria de Nazaré, de Belém à Cayenne", no qual descreve o Círio de 2002 em Caiena, a procissão ao redor da capela São Martinho de Porrès, seguida por 200 pessoas. Segundo o artigo, a festa é encerrada com uma missa dita em português. O texto é assinado por Pierre Girard e lembra que "se a procissão faz parte da cultura brasileira, ela também está presente nas tradições guianesas. A

[6] Disponível em: https://cirios.com.br/revistas. Acesso em: 30 jun. 2020.

cada ano um enorme número de guianeses iniciam a peregrinação para Belém com intenção de fazer parte da festa". Em 2004, Círios de Belém intitula de "Cayenne-França" o seu artigo sobre a festa da Virgem de Nazaré de 2003, preparada pela irmã Turfa e o padre Elias Lagrielle. A procissão tem, dessa vez, mais de 2 mil participantes e a missa é celebrada pelo bispo Dom Louis Sankalé. O artigo, sem assinatura, finaliza dizendo que:

> A realização desta festa do Círio de Nazaré permitiu aos cristãos brasileiros que moram aqui de mostrar que existem e são capazes de organizar e celebrar sua fé, dentro de sua cultura, demonstrando sua vontade de integração na Igreja da Guiana, sem perder seus valores e suas características. A celebração do Círio mostrou também que o povo brasileiro não se anima só com samba, carnaval e futebol, mas sabe expressar sua fé em Deus "sem medo de ser feliz (CÍRIOS DE BELÉM, 2003).

Em 2004, chegou na Guiana o seu novo metropolitano, Dom Emmanuel Lafont (1945-), atualmente bispo de Caiena. Ele incentivou, como seu predecessor, a festa do Círio em sua diocese. Círios de Nazaré continua publicando artigos sobre a festa da Virgem de Nazaré em Caiena. Segundo nossas pesquisas, somente em 16 de outubro de 2006, cinco anos depois do começo da festa do Círio em Caiena que o jornal France-Guyane publica uma nota informando sobre a "festa brasileira do Círio, seguida ontem, pelo sexto ano consecutivo por centenas de brasileiros, em Caiena, da igreja São Martinho de Porrès até a igreja da Sé, São Salvador". Desde então, podemos verificar nas edições do jornal France-Guyane de 2008, 2010, 2011, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018 pequenos textos informando aos leitores as festividades do Círio em Caiena.

A edição do jornal France-Guyane de 2014 escreveu que os membros da Associação Nossa Senhora de Nazaré começaram os preparativos da décima quarta procissão do Círio na Guiana. Fato relevante, haja vista a importância das associações no espaço político e social francês. Vale ressaltar que a Igreja Católica, no estado laico francês, é reconhecida do ponto de vista jurídico pela Lei das Associações de julho de 1901. Como

estabelecimento público de culto e sem fins lucrativos, as igrejas podem, dessa forma, receber subsídios do Estado (LIMA-PEREIRA, 2019, p. 7-9).

Em 2010, escrevemos um artigo sobre os desafios identitários sociorreligiosos na Guiana e sobre a festa do Círio em Caiena. Descrevemos como o Círio chega à Guiana trazido pelos residentes do Pará. A festa cresce com o apoio de padres locais e a bênção do ordinário. Apontamos que cada vez mais cresce o número de fiéis, assim como a participação ao comitê encarregado da organização. A festa de 2004 foi descrita como preparada por um grupo de brasileiros ajudados pelo padre Elie Lagrielle. A festa do Círio é precedida por uma novena rezada em dez residências que correspondem a dez bairros de Caiena. Quanto à procissão, ela ocorre entre a capela de São Martinho de Porrès e a Igreja da Sé, onde é presidida a missa de encerramento pelo bispo de Guiana, monsenhor Emmanuel Lafont. Na procissão, ele é acompanhado por cerca de 1,5 mil pessoas, sendo a maioria dos fiéis, brasileiros (LIMA-PEREIRA, 2010, p. 228).

Em 2011, Tajah Van Kalken, em sua dissertação de mestrado, escreve sobre a persistência e a consolidação da identidade brasileira na Guiana, graças aos programas de televisão e às antenas parabólicas instaladas nas residências dos imigrantes brasileiros. No seu estudo sobre a importância para os brasileiros imigrantes de continuarem assistindo aos programas de televisão do Brasil, Tajah Van Kalken descreve três grandes manifestações seguidas pelos brasileiros da Guiana: o carnaval, o futebol e os cultos religiosos. Entre os programas de televisão transmitidos, está a festa do Círio. Tajah Van Kalken ressalta, como fizemos em nosso artigo, que a Guiana envia a Belém o maior número de peregrinos, seguida pela França, Portugal, Estados Unidos e Holanda.

Em maio de 2012, o geógrafo francês Stéphane Granger defende sua tese sobre a Guiana, Departamento francês e sua busca de integração no continente sul-americano. Ele estuda a relação da Guiana com o Brasil marcada pelo aspecto histórico e geopolítico, assim como as pressões migratória e ambiental exercidas pelo Brasil. Segundo Stéphane Granger (2012, p. 128)

a comunidade brasileira é tradicionalmente católica, mas como todos os brasileiros pobres, ela é atraída pelas outras igrejas evangélicas:

> No entanto, o Círio de Nazaré, um festejo católico típico em Belém e é a maior festa religiosa em toda a América do Sul. Ela está se expandindo na Guiana, agora celebrada pelo bispo de Caiena. Porém, poucos padres católicos na Guiana podem falar português, enquanto muitos pastores evangélicos são de origem brasileira, o que pode explicar a importância das conversões em uma comunidade que sente uma grande necessidade espiritual e um certo isolamento (GRANGER, 2012).

O doutorando Stéphane Granger (2012, p. 132) aponta que os brasileiros compartilham com os guianenses, além do gosto pelo carnaval, uma forte religiosidade. Segundo ele, o Círio de Caiena foi lançado espontaneamente no começo pelos fiéis brasileiros, nostálgicos do Círio de Belém, atraindo hoje católicos de todas as origens. Ele conclui dizendo que a festa do Círio agora é celebrada pelo bispo de Caiena e que se estabeleceu como um dos grandes eventos do catolicismo guianense. Com a imigração brasileira na Guiana e o estabelecimento da festa do Círio, perguntamo-nos como a cultura se forma e organiza-se em um novo território? Quais são as etapas dessa recomposição identitária? É o que tentaremos responder agora.

A cultura e o seu processo de formação e de organização em novos territórios

Se o fenômeno do deslocamento faz parte de uma continuidade social e histórica, ele se baseia em primeiro lugar na "biologia", se aplicarmos em nosso estudo a Teoria da Cultura do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski[7] (1884-1942). Segundo

[7] MALINOWSKI, B. **Une théorie scientifique de la culture, et autres essais**. Paris: François Maspero, Éditeur, 1968. Collection : Les textes à l'appui. traduit de l'anglais par pierre Clinquart. Versão numérica de Jean-Marie Tremblay, Universidade do Quebec. Disponível em: https://cours.univ-paris1.fr/pluginfile.php/871743/mod_resource/content/1/Malinowski%20-%20Une%20the%CC%81orie%20scientifique%20de%20la%20culture.pdf. Acesso em: 1 jul. 2020.

ele, "os seres humanos constituem uma espécie animal [...]. Eles estão sujeitos a condições básicas que devem ser atendidas para que os indivíduos sobrevivam, a raça perpetue e os organismos permaneçam em boas condições de funcionamento". De acordo com Malinowski, o homem, após satisfazer suas necessidades elementares, cria um segundo ambiente, secundário ou artificial, ou seja, a cultura. Para que uma cultura se desenvolva, ela necessita de tradições e transmissão de uma geração para outra. Assim, cada cultura tem seus métodos e seus mecanismos de transmissão. Uma cultura se forma graças à cooperação entre os indivíduos e à ordem estabelecida no grupo e, como consequência, o conhecimento progride, assim como o senso ético, em princípio.

Sem querer minimizar o pensamento de Malinowski[8], quando ele questiona o que é a cultura, podemos aplicar suas noções da seguinte forma: "ligar as necessidades elementares", quando os brasileiros imigram para a Guiana por necessidade básica, melhores condições de vida; "sua satisfação cultural", como expressão da devoção do homem amazonense à Virgem de Nazaré; "derivação de novas necessidades culturais", como expressar na Guiana, terra do exílio, a sua crença e devoção; "essas novas necessidades impõem ao homem e à sociedade um tipo de determinismo secundário", em que o imigrante brasileiro propõe à Igreja Católica local a organização do Círio em outubro, criando assim um determinismo secundário, ou seja, a adoção pelos católicos guianenses dessa festa marial. Enfim, Malinowski releva a importância da organização:

Para realizar seus propósitos, alcançar seus fins, quaisquer que sejam, o homem deve se organizar. [...] a organização envolve um tema ou estrutura muito específico, cujas linhas principais são universais na medida em que se aplicam a todos os grupos organizados [...] (MALINOWSKI, 1968).

Outro ponto importante que Malinowski releva, na sua teoria científica da cultura, é o fator de tempo necessário para que haja

[8] Traduzido do francês por nós: "Tentaremos mostrar que as necessidades elementares e sua satisfação cultural podem estar ligadas à derivação de novas necessidades culturais; que essas novas necessidades impõem ao homem e à sociedade um tipo de determinismo secundário". *Idem*, p. 27.

evolução. Segundo ele, "os mecanismos de evolução ou difusão" equivale ao estabelecimento da festa do Círio em Caiena; "se manifestam acima de tudo na forma de transformações institucionais", em outubro de 2001, ao ordinário da Guiana, monsenhor Louis Sankalé, recebendo o bispo de Macapá, monsenhor João Risetti, e a imagem da Virgem Maria. Desde então, é estabelecida a procissão em honra do Círio de Nazaré; este sendo festejado todos os anos no segundo domingo de outubro, de acordo com o modelo do Círio de Belém. Para completar, Malinowski explicita sua teoria nesses termos: "por invenção ou por difusão, o novo processo técnico é incorporado a um sistema de comportamento organizado preexistente e gradualmente leva a uma revisão completa da instituição". Aplicamos isso ao nosso caso da seguinte forma: a difusão da festa do Círio em Caiena incorpora-se à tradição na Igreja Católica e Ortodoxa de veneração a Maria, a *Théotokos*. Essa festividade entra, por conseguinte, no calendário litúrgico local e tende a perpetuar-se no tempo e no espaço.

A palavra "cultura", em francês, designa primeiro o conjunto de conhecimentos gerais de um indivíduo, e em segundo lugar a definição do "*Dictionnaire universel de la langue française*", do lexicógrafo Louis-Nicolas Bescherelle (1802-1883). Esse dicionário foi publicado pela primeira vez em 1845, mas somente a edição de 1862 começa a dar o sentido à palavra "cultura" que temos hoje. Na sua edição de 1980, o dicionário "*Le Petit Larousse*", retirado do "*Grand dictionnaire du XIXe siècle*", do lexicólogo Pierre Larousse (1817-1875), dá à palavra "cultura" um segundo significado, em uma concepção coletiva. Segundo esse dicionário, a cultura coletiva corresponde às estruturas sociais, religiosas etc., que caracterizam uma sociedade e suas manifestações intelectuais, artísticas etc.

Atualmente, na língua francesa, por "cultura individual" entende-se a construção pessoal de conhecimentos; já a "cultura coletiva" refere-se à cultura de um povo, à sua identidade cultural. A cultura individual tem uma dimensão de desenvolvimento e de construção pessoal; enquanto a cultura coletiva refere-se a valores vinculados à história e pela história. A cultura coletiva evolui ao mesmo tempo que fixa uma identidade a uma comunidade, a uma nação. Vemos que a festa do Círio de Nazaré faz

parte de um processo pessoal de crença e de adesão a uma comemoração marial que se inscreve em uma evolução graças ao deslocamento de brasileiros para a Guiana, evoluindo com o tempo e acrescentando novos valores à identidade guianense.

Enfim, antes de terminarmos esse capítulo, não podemos deixar de nos interessarmos pela cultura do ponto de vista da sociologia. Trata-se de ver nos acontecimentos a existência de práticas sociais que se diferem de acordo com o tempo e o espaço. Nesses acontecimentos o indivíduo age ou sofre a ação, assim como o grupo, a comunidade. A depender de gênero, masculino ou feminino, posição social e econômica, acrescentam-se ao indivíduo as "representações" que alimentam as suas práticas culturais. Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), essas representações são *habitus* – conceito que ele desenvolve na sua Teoria da Ação –, isto é, o estudo da natureza da ação humana, seja ela individual ou coletiva. O ser humano, agente social, desenvolve estratégias baseadas em disposições adquiridas inconscientemente pela socialização e que são adaptadas às necessidades do mundo social. Foi o que tentamos mostrar quanto à maneira de ser do brasileiro e suas práticas sociais e religiosas que, por razões econômicas, imigram e adaptam-se à vida guianense.

Assim, como afirma Pierre Bourdieu, cada indivíduo é um produto sócio-histórico cujas ações são marcadas pelo tempo e pelo espaço. Quanto à cultura, ela existe por antagonismo. De um lado temos a cultura dominante, legitimada e, por vezes, elitista; do outro lado, uma cultura cujos valores não são reconhecidos ou com valores vistos como folclóricos. A Guiana, ao integrar o Círio de Nazaré em suas práticas sociais e religiosas, pode fazê-lo sem suspeição de dominação ou de imposição por parte da comunidade brasileira. Bem mais que compartilhar a mesma fé católica e a mesma devoção marial, a Guiana, pela sua ação de acolher o Círio de Nazaré e de festejá-lo, permite a integração da comunidade brasileira católica à sociedade local. Aos valores jurídicos e laicos da República Francesa, a comunidade brasileira e uma boa parte dos guianenses, na nova geração, têm um longo caminho a percorrer, seja sob a forma da assimilação ou da aculturação, mas isso é um outro capítulo.

Conclusão

O mundo "pós-moderno" e globalizado está bem distante da "aldeia global", expressão formulada pelo teórico da comunicação canadense, Herbert Marshall McLuhan (1911-1980) na sua obra intitulada "*The Medium is the Massage*", publicada em 1967. Hoje, o mundo está marcado pela multiplicidade de reivindicações culturais oriundas do deslocamento de grupos étnicos por razões políticas ou econômicas. Reivindicar passa pela afirmação de uma cultura, de uma história, e no fundo encontrar um espaço de expressão linguística, artística, religiosa.

Segundo Marc Augé, a cultura de amanhã seguirá alinhada como a de ontem ou a de anteontem. Porém, os dois grandes obstáculos que terão de ser levados em conta são: a invasão de imagens e o risco que elas implicam; e o abismo que se amplifica cada vez mais entre os ricos e os pobres, ou entre os que terão acesso à cultura, à formação e aqueles que não o terão[9]. A nosso ver, a invasão de imagens está relacionada à imagem do divino, ao sobrenatural, ao religioso e à imagem de cada indivíduo veiculada pela tecnologia numérica. Em ambos os casos, invasão de imagens e abismo entre os indivíduos, o que está em jogo é a relação de ipseidade, de alteridade, ou seja, o conhecimento ou o reconhecimento que se encontra em toda atividade humana, sobretudo quando se trata da atividade cultural e cultual. Breve, nessas duas atividades próprias ao ser humano, frutos de negociação e de relação, é que se dá a construção de uma identidade pessoal, comunitária, nacional.

Na Guiana, para o imigrante brasileiro o processo de integração social e econômica é geralmente mais fácil quando ele é legalizado e sua imagem opõe-se à do imigrante clandestino, muitas vezes à do garimpeiro. Uma das consequências dessa integração "legalizada" é a sua inclusão na sociedade local, visto que essa sociedade reconhece, no imigrante brasileiro, o talento e o trabalho. A Guiana, na sua totalidade, é marcada pelo multiculturalismo, mesmo sem ainda ter chegado à instauração de uma sociedade intercultural, ou seja, com a plena integração das culturas presentes no seu território. Como sabemos, a intercultu-

[9] AUGÉ, Marc. *Idem*, *cf*. "Conclusão".

ralidade cria um marco de convivência das culturas sem discriminação ou diferenciação.

Na Guiana, a cultura crioula, amazonense e caribenha é dominante localmente do ponto de vista político; todavia, minoritária quantitativamente e concentrada no litoral. Do ponto de vista nacional, a cultura crioula tem dificuldades em ter um lugar na nação e ser reconhecida e valorizada pela cultura francesa. Nesse sentido, no âmbito local, a própria sociedade crioula com sua cultura tem de passar pelo mesmo processo de eliminação gradual das diferenças que todas as outras culturas presentes na Guiana têm de passar. Essa eliminação gradual das diferenças permitirá a diversidade cultural no território até chegar à formação de uma cultura comum, uma mescla de diferentes culturas – entre elas, a brasileira.

Tentamos mostrar em nosso estudo que a festa do Círio, vinda com o fluxo migratório do Norte do Brasil à Guiana, é parte integrante do deslocamento da cultura, desenvolvendo-se em duas direções similares: de um lado, o culto marial mantém-se graças à devoção do imigrante brasileiro; do outro, o culto marial adapta-se ou é adotado pela sociedade católica guianense, estabelecendo-se assim uma comunicação dialógica entre as duas comunidades. A festa do Círio de Nazaré é um exemplo do processo de aculturação, já que a distância cultural, do ponto de vista religioso, entre a cultura brasileira e a cultura crioula guianense é mínima. Na verdade, podemos afirmar no caso da festa do Círio que a distância cultural desempenha o papel de mediação entre a cultura de origem, a brasileira e a cultura dominante, a crioula.

A partir de nossa observação podemos concluir, nesse estudo, que a aculturação dos brasileiros católicos segue o modelo da "escolha" e não da "obrigação" de integração – segundo o exemplo aqui utilizado, a festa do Círio. No caso dessa festa, a integração dos *primo-arrivants*[10] expressa-se sob a forma festi-

[10] Os *primo-arrivants* são estrangeiros em situação regular que chegam pela primeira vez a um país e se estabelecem lá permanentemente. Na França, os imigrantes legais assinam um Contrato de Acolhimento e de Integração (CAI) ou o novo Contrato de Integração Republicana (CIR). Ver *Anexo 1*, p. 41. Disponível em: https://www.education.gouv.fr/pid285/bulletin_officiel.html?pid_bo=36334. Acesso em: 14 jul. 2020.

va, carnaval e prática religiosa, participando assim da vida social guianense. Apesar da componente religiosa e sua prática festiva, outras abordagens existem e são necessárias para compreender o processo de integração dos brasileiros na Guiana Francesa.

Em nosso artigo, a abordagem implicou um exercício reflexivo que se baseou na observação da realidade. Os dados recolhidos permitiram ilustrar quase 20 anos de existência da festa do Círio em Caiena. Por conseguinte, o que apresentamos no começo como deslocamento de cultura, após o processo de aceitação e de integração dessa festa pela sociedade local, torna-se hoje elemento importante da diversidade cultural que caracteriza o território e, em particular, a cidade de Caiena.

Enfim, seria pertinente, em outro trabalho, estudar o que caracteriza esse território de acordo com a evolução dos fluxos migratórios vindos do Brasil e de outros países do continente latino-americano. Em outros termos, o que alterou e altera o paradigma migratório na Guiana no século XXI; quais são as transformações econômicas e sociais que conduziram ou conduzem à exclusão e à marginalização de comunidades estrangeiras, dificultando assim a integração delas nesse mundo cada vez mais globalizado e conectado.

Referências bibliográficas

AUGÉ, M. **Culture et déplacement**. La web-télévision de l'enseignement supérieur et de la recherche Université de tous les savoirs, 16 nov. 2000. Disponível em: http://datablock.free.fr/MARC%20AUGE%20culture%20et%20deplacement.pdf. Acesso em: 25 jun. 2020.

BERNIE-BOISSARD, C. **Espaces de la culture, politiques de l'art**. Paris: L'Harmattan, 2000.

BERRY, J. W. Immigration, acculturation and adaptation. **Applied Psychology**. New Jersey, n. 46, p. 5-68, 1997. Disponível em: https://iaap-journals.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1464-0597.1997.tb01087.x. Acesso em: 12 jul. 2020

BUREAU, C. **Guyane, terre française. 1604-1935**. Paris, 1935. Disponível em: http://www.manioc.org/gsdl/collect/patrimon/import/2013/ORK/ORK13106.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.

DUBOIS, F. **A devoção à Virgem de Nazaré**. Belém, 1953. Disponível em: https://issuu.com/ufpadoispontozero/docs/a_devo____o____virgem_de_nazar____e. Acesso em: 20 out. 2020.

FLECK, E. C. D.; DILLMANN, M. A Vossa graça nos nossos sentimentos: a devoção à Virgem como garantia da salvação das almas em um manual de devoção do século XVIII. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 83-188, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882012000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jun. 2020.

GRANGER, S. **La Guyane et le Brésil, ou la quête d'intégration continentale d'un département français d'Amérique**. 858p. Paris: Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine. Tese de doutoramento, maio de 2012. Disponível em: https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00707041/document. Acesso em: 1 jul. 2020.

VAN KALKEN, T. **Persistance et consolidation de l'identité brésilienne par la parabole**. 98p. Grenoble: Université Stendhal 3. Dissertação de mestrado, 2011. Disponível em: https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-01067491. Acesso em: 30 jun. 2020.

LIMA-PEREIRA, R. Les enjeux identitaires socioreligieux dans l'espace frontalier franco-brésilien (Brésil–Guyane française). **Revue du GERFLINT.** São Paulo: Editora Humanitas, 2010. n. 1, p. 223-32. Disponível em: https://gerflint.fr/Base/BresilSPECIAL1/Lima_Pereira.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

LIMA-PEREIRA, R. O estado laico francês, um desafio para as Igrejas evangélicas brasileiras: o exemplo da Guiana francesa. **Anais eletrônicos do II° Encontro nacional do CEHIR**. Pernambuco: Universidade do Estado de Pernambuco, UPE, 2019. Disponível em: https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02338395. Acesso em: 30 jun. 2020.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE. "Annexe 1". **Bulletin Officiel de l'Éducation Nationale, BO**. Paris, abr. 2017, n. 15. Disponível em: https://www.education.gouv.fr/pid285/bulletin_officiel.html?pid_bo=36334. Acesso em: 14 jul. 2020.

PIANTONI, F. Histoire et mémoire des immigrations en Guyane française. **Rapport final de recherche, L'ACSé, marché n° 2006 35 DED 03 / Lot 25 Guyane française**. Reims: Universidade de Reims, 2008. Disponível em: http://barthes.enssib.fr/clio/acsehmr/guyane.pdf. Acesso em: 26 jun 2020.

O livro busca socializar contribuições teóricas, metodológicas e/ou epistemológicas que problematizam práticas, processos e fenômenos culturais contemporâneos e/ou que incorporam a cultura como dimensão central para observar a sociabilidade nos tempos atuais.

Em perspectiva acadêmica, a publicação procura atualizar e revisitar, a partir de reflexões sistematizadas em pesquisas de natureza teórica e/ou empírica, a agenda de pesquisa do campo de estudos de cultura, priorizando a perspectiva interdisciplinar e multicêntrica que caracteriza a área.